

Špánková, Silvie; Antunes, António Lobo

**Antunes, António Lobo (1942): O Esplendor de Portugal (1997)**

In: Špánková, Silvie. *(Des)colonização na literatura portuguesa contemporânea : breve antologia de textos literários e ensaísticos com atividades*. 1. vyd. Brno: Masarykova univerzita, 2014, pp. 21-22

ISBN 978-80-210-7053-0; ISBN 978-80-210-7056-1 (online : Mobipocket)

Stable URL (handle): <https://hdl.handle.net/11222.digilib/130529>

Access Date: 22. 03. 2025

Version: 20220831

Terms of use: Digital Library of the Faculty of Arts, Masaryk University provides access to digitized documents strictly for personal use, unless otherwise specified.

## **Antunes, António Lobo (1942): O Esplendor de Portugal (1997)**

*O romance, tal como Manual dos Inquisidores, pertence também ao ciclo do poder e das suas manifestações, mas aprofunda ainda mais a problemática da descolonização. No exemplo duma família de ex-colonos de Angola, o autor mostra a gravidade e complexidade da questão dos retornados. Só um membro da família – Isilda – se recusa a partir para Portugal, acabando por sofrer as consequências desta decisão.*

na vivenda de colunas ao centro da plantação de tabaco com caveiras de hipopótamos e elefantes na varanda, cabeças de leões, leopardos e antílopes entre peles de zebra, flechas, lanças, bacamartes, o meu padrinho de capacete colonial e dúzias de netos mulatos vindos de bastardos mulatos patinhando nos compartimentos da casa, o velho de charuto nos dentes que no primeiro domingo de cada mês inclusive nas chuvas, de picadas transformadas em cascatas de lama e o céu negro de nuvens, tirava a mula do estábulo, a sovava a chicote para lhe recordar a obediência e amansar o carácter com o animal a escoicear jogando os cascos aos relâmpagos, a selava, colocava o freio, pontapeava a barriga mais três ou quatro vezes a animar a memória, vestia um impermeável de borracha amarela e trotava vinte e seis horas mato fora até a Baixa do Cassanje de visita à minha família com um dos filhos mestiços de canhangulo atrás dele, enorme e calado tanto quanto o meu padrinho era falador e miúdo de carne, o filho a quem se dirigia como a um desconhecido importuno e o tratava par patrão seguindo-o mesmo se o velho se instalava à mesa para almoçar connosco, ou passeava com o meu pai a comentar as plantas, procurar parasitas, correr o mindinho ao comprido das hastes, saíam a caçar pacaças aos solavancos nos desníveis da erva, o chofer luena a conduzir, o meu padrinho e o meu pai no banco dianteiro orientando as miras no sentido das pegadas, o mestiço de cartucheiras ao colo e nisto o jipe parado numa enseada, hastes que bebiam, o velho para o filho não se voltando, estendendo a mão aberta

- Sansão

o mestiço a entregar os binóculos e a carabina, o meu padrinho procurando no nevoeiro embaciado o macho que comandava o grupo pela disposição das fêmeas e das crias entre os pescoços curvados para a água, a encontrá-lo, a cuspir a ponta do charuto, a extrair um novo charuto do impermeável amarelo, a cravá-lo nos lábios como uma espécie de cunha

(lembro-me das patilhas arruivadas, do bigode arruivado, lembro-me da cabeça pequenina e do cabelo em escova)

a medir a pacaça e a obrigá-la a tombar sem um espasmo, de patas flectidas, num desamparo de coisa como ele tombou por seu turno dois ou três agostos depois, no mais frio da estação, em que o tabaco amanhecia rígido de geada e nós a protegê-lo com gaiolas de caniços e coberturas de plástico constantemente ameaçadas pela ira dos cães, o velho caído durante uma emboscada a uma chita sozinha, um animal idoso a quem faltavam unhas que se percebia nas marcas devorando um a um os vitelos e as cabras, amarrámos um bode a um espigão, preparámos uma pirâmide de tábuas e palha a fim de nos escondermos junto à angústia do animal preso, o meu padrinho, o meu pai, eu e o filho mestiço, tão obediente e silencioso que quase se cuidava não existir com a braçada de armas no sovaco, esperámos que os gritos de criança assassinada do bode, os seus balidos de puro terror, atraíssem a chita, uma noite inteira sem falar, de ossos a baterem uns nos outros, não molares, ossos a baterem uns nos outros escutando os mochos, os arbustos, as palmeiras dos túmulos dos reis gingas e nisto o bode sem se mover pela primeira vez desde que o tínhamos trazido, uma sombra em diagonal ou a sombra de uma sombra

ou a sombra de uma sombra de uma sombra

escorregando como água ou luz sobre as restantes sombras, respiração amarga de fome que nos pesava no sangue e o espessava obrigando-o a oscilar nas veias, não correr, oscilar

- A chita

segredou o meu pai às trevas de pranchas e palha da cabana que a minha insónia avermelhava acendendo-me no corpo candeias que doíam

- A chita

o meu padrinho para o filho encontrando o ponto onde apoiar a espingarda

(ANTUNES, António LOBO. *O Esplendor de Portugal*. Lisboa: Dom Quixote, 1997, p. 82–83)

### Atividades:

1. Adivinhe a quem pertence a voz no extrato. Indique os signos do seu estatuto social, bem como os traços da sua mentalidade colonial.
2. Quais são os membros da família aqui mencionados? O que se chega a saber deles?
3. Tente parafrasear o que acontece no extrato.